NATAL — 25 de Dezembro de 1958 N.º 25

O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOUTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa
Redactores — J. SOARES DE CARVALHO — R. S. Domingos à Lapa, 117-c/v — Lisboa
A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto
Administrador — JOAQUIM P. CABRAL — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

A Paz que Jesus nos deixou

NO recanto mais humilde de uma estalagem de Belém, afastado do bulício da multidão que vinha cumprir o édito de César Augusto, nasceu Jesus que Isaías anunciara como Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.

Logo após essa manifestação divina os anjos anunciaram aos pastores, que naquela noite vigiavam os seus rebanhos, e anunciaram ao mundo para sempre, a vinda desse Príncipe, louvando: «Glória a Deus nas alturas, PAZ NA TERRA, boa vontade para os homens».

Decorrem os oito dias para o cumprimento da Lei e Simeão no templo tomou em seus braços o Recém-nascido, louvando a Deus pela paz que recebeu.

Jesus cresce e na idade em que já se começa a raciocinar na vida, encontra-se no meio dos doutores da Lei, tratando dos negócios de Seu Pai, e os negócios do Pai são os da Paz entre os homens de boa vontade no mundo.

Inicia Jesus o Seu ministério divino e, no Seu primeiro milagre, em Caná da Galileia, estabelece a Paz onde havia inquietação, pela falta de vinho nas festivas bodas.

Jesus, percorre a Palestina promovendo em todos os lugares em que passava a alegria e o conforto da Paz, onde havia sofrimentos físicos e morais, por enfermidades incuráveis, tribulação e luto.

Na cruz, nos grandes sofrimentos e aproximação da Sua morte, como homem, ainda Jesus clama: «Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem», desejando Paz, mesmo para aqueles que, criminosamente, O ofendiam e maltratavam. Ressurge, e, no imediato encontro com os Seus discípulos, as Suas palavras foram: «Paz seja convosco». Jesus volta para o céu e, com amor e por amor, ordena como mandamento aos homens, a pregação do Evangelho de salvação, amor e paz.

Como é, pois, doloroso sentir e observar que o precioso tesouro da Paz, exemplificado na Obra do Príncipe da Paz e por Ele legado aos cristãos, aos homens de boa vontade, nem sempre é por estes bem aplicado, tantas vezes é adulterado, reduzindo o seu real valor, quando não é falsificado, faltando-se assim aos ensinos do divino Mestre, enfraquecendo-se a Sua Igreja, refúgio confortador de amor e devoção para paz nas vidas e nas almas.

Bem definiu Jesus qual era a Paz que nos tinha trazido do Seu Reino e nos legara, nas instruções dadas aos Seus discípulos naquela noite em que começavam os maiores sofrimentos do Seu martírio e aos cristãos de todos os tempos, advertindo: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize» (S. João XIV, 27).

Porém, os homens amam mais as trevas do que a luz, habituando-se a uma paz convencional, conveniente, egoista, muitas vezes de interesse próprio e não comum. Trocam a Paz legada por

(Continua na página 4)

Actividades Episcopais

Recepção ao Bispo da Igreja Lusitana

Em 29 de Junho do corrente ano (dia de S. Pedro), realizou-se, na Igreja de S. João Evangelista — Vila Nova de Gaia — um culto especial, promovido pela Comissão de Recepção a D. António Ferreira Fiandor, Bispo da Igreja Lusitana, no qual este prelado se apresentou pela primeira vez, após a sua sagração, revestido das vestes episcopais.

Tivemos a honra de ter presente neste culto D. Plínio Lauer Simões, Bispo da Igreja Episcopal Brasileira na zona sul-ocidental do Brasil, o qual apresentou uma empolgante mensagem, que a todos encheu de alegria e entusiasmo espiritual.

O Rev. Agostinho Arbiol saudou, em nome das paróquias da Igreja Lusitana no Norte, o Bispo da Igreja Lusitana, e o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral saudou, também em nome das paróquias da Igreja Lusitana no Norte, o Bispo Plínio Simões. Suas Ex.as Reverendíssimas foram, no final do culto, cumprimentados por todos os crentes que assistiram a este culto. Registou-se, com agrado, a presença dos membros das Juntas Paroquiais no Norte e dos grupos de Escuteiros com as suas bandeiras.

Visita Episcopal

No Domingo 12 de Outubro, D. António Ferreira Fiandor celebrou, pela primeira vez, o Rito da Confirmação, na Igreja Lusitana do Redentor, na cidade do Porto, às 17 horas. Neste culto, a que assistiram membros de todas as paróquias do Norte, Sua Ex.ª Rev.ma acolitado pelo Rev. Agostinho Arbiol, confirmou um bom número de crentes aos quais apresentou uma edificante, oportuna e mui proveitosa mensagem espiritual.

Notas e Comentários

O NOSSO BOLETIM

Após uma vida de alguns anos em que «O Despertar» singrou, primeiro como órgão do Movimento de Revigoração da Igreja (MORI), depois como órgão independente, «Boletim de Informação e Doutrina», passou, a convite do Sínodo da Igreja Lusitana, a ser o seu órgão oficial.

Todos os que têm trabalhado neste jornal sentiram quanto era honroso tal convite, que seria como que uma consagração do serviço feito por «O Despertar» em prol da Igreja. E, de facto, sempre pela Igreja trabalhámos, divulgando entre o nosso povo os princípios que orientaram os Reformadores de 1880, quando a Igreja Lusitana foi restaurada e reuniu, numa só, as congregações de rito episcopaliano que existiam então em Portugal, e das quais a primeira datava de 1839 (1). Assim foi declarado no editorial do 1.º número, de 28 de Agosto de 1950: «O Despertar tenta esclarecer melhor os membros da Igreja Lusitana sobre quem eles mesmos são». E a 13 de Maio de 1951, no seu N.º 4, dizíamos: «...desejamos a Reforma da Igreja dentro dos moldes evangélicos, tal como os Reformadores a anunciaram, mas conservando a *Igreja Histórica* e o que ela possui de bom e de permanente — a Liturgia e o Episcopado, elementos indispensáveis, a nosso ver, da universalidade (CATOLICIDADE) e da continuidade (APOSTOLICIDADE) da Igreja Primitiva, da Igreja dos Apóstolos». E mais adiante: «Trabalhemos pela Reforma da Igreja Romana, mas sem querer formar outra Igreja, ainda que libertando-a da autoridade absoluta do Papa e depurando-a de todas as inovações contrárias ao ensino das Escrituras».

Foram estes os princípios que sempre nos guiaram. Graças a Deus porque continuamos agora animados pelo mesmo espírito e pela mesma Fé. As nossas colunas estão sempre abertas a todos os que desejarem colaborar com trabalhos que possam traduzir bem os desígnios da Igreja e exprimir um dinamismo orientador dum trabalho futuro cada vez mais activo na Seara do Mestre.

E para terminar desejamos dizer quanto nos sentimos gratos aos que nos ajudaram no passado, com a sua cooperação, com a sua ajuda, com os seus conselhos, com o seu dinheiro. Bem hajam! Esperamos sinceramente que nos continuem a ajudar no futuro.

* * *

Com a transformação por que o nosso jornal passou, transformação mais de fundo do que de forma, mais de responsabilidades do que de propósitos, que continuam firmemente a ser os mesmos, o seu corpo redactorial além do Rev. J. Soares de Carvalho e Dr. L. Figueiredo foi beneficiado com a cooperação do Rev. Agostinho Arbiol, que bondosamente acedeu ao nosso pedido. O Pároco, que hoje é da Igreja de S. João Evangelista, é assaz conhecido pela forma simples, mas sincera e viva, como expõe a doutrina do Evangelho. Os seus sermões de cinco minutos já transpuseram a fronteira, tal a clareza, tal a maneira persuasiva como os temas são apresentados.

Além do seu corpo redactorial, têm sido, e esperamos que continuem a sê-lo, colaboradores de todas as horas, os Revs. Drs. Luís Pereira e Daniel de Pina Cabral. A eles muito devemos também do que anteriormente foi feito.

REV. ARMANDO DE ARAÚJO

Depois de uma vida cheia de trabalho, dedicação e amor pela Igreja, findou, em Setembro último, a sua missão aqui na Terra, o venerando ministro da Congregação do Bom Pastor, Rev. Armando de Araújo. Além de presbítero, e dos mais distintos da Igreja Lusitana, foi igualmente jornalista de mérito, colaborando em muitos jornais evangélicos, incluindo o nosso Boletim, onde escreveu algumas páginas indeléveis. Foi director da Biblioteca António Maria Candal, que ainda hoje é uma preciosidade bibliográfica, por representar o que de melhor possuía o protestantismo do começo deste século, foi um dos fundadores de «Luz e Verdade», jornal que marcou também no seu tempo pelo sentido ecuménico, e que era mantido pelo dinamismo de clérigos e leigos da Igreja Lusitana, e redactor do «Bom Pastor» e ainda de outros jornais evangélicos e laicos.

Vigoroso na sua forma de escrever, manifestou-se combativo na polémica com a Igreja Romana, onde de uma forma incisiva, apontava os erros desta Igreja, contrapondo-lhes a verdade pura do Evangelho.

A Igreja Lusitana estava-lhe na alma. Ainda no 2.º Congresso da Igreja Lusitana, realizado no Porto em 1954, afirmava com aquela autoridade que lhe dava uma vida inteira consagrada, «que a Igreja Lusitana, sendo Católica não era Romana, nem podia ser romanizada, a fim de continuar a influenciar na integridade moral e intelectual da Pátria-Mãe um Cristianismo de Fraternal Amor-Evangélico».

Já há alguns anos que a sua saúde estava abalada. Quase cego, era ajudado por sua filha nas suas leituras, nas suas idas à Igreja que ministrava (e onde foi sempre até as forças lhe acabarem por completo), e finalmente nos seus escritos, quando a pena já lhe tremia em suas mãos. Mas se a luz dos olhos se lhe ia apagando a pouco e pouco e com ela as suas forças físicas, a vivacidade do seu espírito manteve-a quase até ao fim da vida. Escreveu sempre. Nunca os jornais evangélicos deixaram de ter a sua colaboração. Mesmo depois da sua morte, ainda os jornais estavam publicando os seus artigos, que ele antes de falecer havia enviado para a redacção, tal era a produtividade do seu espírito. Pode dizer-se que findou a escrever.

Além das suas funções eclesiásticas, teve, para ganhar o pão quotidiano e manter a sua família, de se entregar a trabalhos seculares, que só largou dois anos antes de falecer, quando a sua saúde já mais não podia. Mas nunca se ouviu um queixume amargo, um lamento de desespero. Certamente que deplorava a escassez do seu tempo para a sua vida pastoral, as energias que perdia em prejuízo do seu ministério, mas conformava-se.

A Igreja Lusitana tem vivido destas dedicações. Nenhum dos nossos pastores está trabalhando «full-time», excepto um, ainda que recebendo humilde recompensa. Se por um lado este é um dos segredos da sua força, da sua continuidade, da sua firmeza, oriundos na íntegra consagração à Obra pela razão de ser da Igreja, por outro lado, o trabalho não se pode desenvolver como devia e poderia, se os membros da Igreja compreendessem melhor a sua responsabilidade.

São estas atitudes de dedicação e sacrifício que deixam um rasto de luz, que a morte não pode extinguir. Graças a Deus pelos exemplos santos que clero e membros da Igreja Lusitana têm deixado, fontes para a nossa inspiração num melhor porvir. A vida passa célere, mas os seus frutos permanecem para sempre.

A vida do Rev. Armando de Araújo, portanto, não se perdeu, porque continua a viver nas consciências de todos os que o conheceram, na força e virtude de toda a Igreja, pela valorização do seu sacrifício, pela simplicidade e pureza do seu espírito, isento de ambições pessoais, completamente esquecido de si próprio. Que repouse em Paz, na Santa Glória de Deus!

(1) O convite para as congregações se reunirem numa só Igreja — a Igreja Lusitana, que se propunha antepor à Igreja Romana, uma Igreja Evangélica dentro da inspiração das tradições portuguesas, e nos moldes católicos e apostólicos com raízes profundas nos primeiros séculos do cristianismo, tempos áureos do mundo cristão — foi feito a todas as Igrejas Evangélicas de todas as denominações. Se o tivessem aceitado, possivelmente poderíamos hoje ser uma força evangélica unida e ter trabalhado mais pela expansão do Reino de Deus em Portugal, muito mais que este matiz individualizado de ritos, gerados em outros sóis e cuja adaptação ao nosso solo na sua maioria nem sempre se faz fàcilmente e com êxito permanente. E foi pena!

PELA IGREJA

Curso de Preparação Teológica para obreiros da Igreja Lusitana

Com o patrocínio de Sua Ex.ª Reverendíssima, o Bispo da Igreja Lusitana, o Curso que vinha sendo anunciado para a criação de obreiros para a Igreja Lusitana no norte e no sul do país, teve no norte o seu início no dia 24 de Outubro último, sob a direcção do Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral e do qual faz parte, como professor, o Rev. Agostinho Arbiol. Este curso funciona na sala da escola anexa à Igreja de S. João Evangelista — Torne — Vila Nova de Gaia, estando inscritos umas duas dúzias de alunos de ambos os sexos predominando o masculino. Sua Ex.ª Reverendíssima deu a honra de assistir à aula de abertura, dirigindo aos professores e alunos algumas palavras de congratulação e estímulo. No próximo dia 9 de Janeiro, haverá, querendo Deus, o 1.º exame sobre o V. T. ou seja a matéria que tem vindo sendo estudada. Nota-se, da parte de todos, grande entusiasmo e interesse.

União Portuguesa de Fé Reformada

A «Associação Internacional de Acção e Fé Reformadas», com ramos nacionais em 16 países — entre os quais o nosso, com o título da rubrica — teve o seu último Congresso em Estrasburgo, no verão deste ano, no qual foi eleito para membro do Comité Executivo, como representante da nossa União, o querido amigo Rev. Prof. Gerson A. Meyer.

A U. P. F. R. reunirá em Lisboa, em Assembleia Geral, na primeira 3.ª-feira do mês de Fevereiro de 1959. Na falta de convite pessoal aqui fica o apelo a todos os membros e interessados nesta prometedora organização cultural-religiosa, para que tenhamos a honra das suas presenças.

Descendendo de Pioneiros

A Senhora D. Ana Maria Ottolini Castelo Branco, ao ler «Vidas Convergentes», encontrou ali, com grande satisfação, o nome de seu trisavô entre os venerandos pioneiros do Evangelho em Portugal, e enviou ao autor daquele livro uma interessante árvore genealógica que se destina ao 3.º volume de «Oikoumene» — «A Lavra e a Palavra». E' digno de citar-se que o marido daquela ilustre senhora, o nosso bom Amigo Sr. Mário Castelo Branco, é, por sua vez, neto de outro pioneiro, poeta e orador cristão reformado e um dos instituidores da Igreja Lusitana em 1879. Assim chegamos à conclusão de que temos nas nossas fileiras, na congregação de S. Paulo, a querida e jovem irmã Vanda Ottolini Castelo Branco, tetraneta de Gomez e bisneta de Chaves.

* * *

Aproveitando a epígrafe, temos o gosto de felicitar a bisneta do Rev. Cândido de Sousa — segundo Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana — menina Maria Helena de Sousa, pela sua estreia como cantora no serviço especial da Juventude Evangélica Portuguesa na Congregação de S. Paulo, em 7 do corrente. Cantou depois, em 10, na Emissora Nacional. Todos apreciaram a sua agradável actuação. «O Despertar» deseja à jovem irmã as maiores bênçãos de Deus para todas as suas futuras actividades.

Retiro espiritual das Igrejas do Prado e do Candal

Nos dias 7 a 9 do corrente mês realizou-se um retiro espiritual dedicado aos leitores leigos em serviço das Paróquias do Salvador do Mundo e do Bom Pastor a que assistiram o Rev. Dr. Luís Pereira e dois leitores leigos da Paróquia de S. Mateus, um leitor leigo da Paróquia de S. João Evangelista e o Capelão da Igreja Inglesa no Porto, que, a convite do dirigente do retiro, fez quatro prelecções subordinadas aos temas «Soldados de Cristo», «Estudantes da Palavra», «Arautos da Mensagem» e «Portadores da Luz». O retiro realizou-se numa casa de repouso da província, para este efeito cedida. No testemunho daqueles que a ele assistiram, o retiro foi coroado do melhor êxito.

Boletim da Igreja do Salvador do Mundo

Outra iniciativa da Igreja do Salvador do Mundo, a dum boletim periódico paroquial para uso dos seus membros. De vez em quando algumas das nossas congregações têm tido esta actividade, para morrer depois de pouco tempo. Porquê? Lembramo-nos do «Vínculo» da Igreja de S. Paulo e que reunia as Igrejas de Espírito Santo e Cristo Remidor, e ainda de outros que findaram por desinteresse possivelmente duma parte dos membros. E quantas vantagens tem um boletim! Uma pequena mensagem pastoral, unindo todos os crentes, mesmo os que estão ausentes, as notícias do mês, as sugestões de trabalho, as diferentes necessidades da Igreja local, etc., etc. Parabéns pois ao novo Boletim e fazemos votos para que tenha longa vida.

Igreja de S. Paulo

Esta congregação atravessa presentemente dificuldades financeiras, que estão perturbando a sua vida em relação aos seus compromissos no trabalho missionário, na sua acção social, na escola diária e no trabalho pastoral. O seu défice este ano deve ir além duma meia dúzia de contos, o que é bastante para uma congregação que é parca em recursos, e só a sua boa vontade conseguiu realizar nos anos anteriores verdadeiros milagres. E' este o primeiro défice sério que defronta, mercê de circunstâncias especiais que a nova Junta Paroquial está fazendo todos os esforços para debelar.

O seu novo tesoureiro está-se empenhando na organização da tesouraria e numa campanha financeira de que se espera uma boa aceitação por parte dos membros desta Igreja, não só em donativos especiais como também no aumento dos seus compromissos mensais.

E' preciso que se pense a sério na vida da Igreja. Ela não se poderá manter sem o sacrifício dos seus membros. As dificuldades de toda a ordem são tantas que dificilmente as poderemos vencer sem a compreensão dos verdadeiros crentes.

E' bonito dizer que os casamentos e os baptizados, a comunhão aos doentes e os enterros são de graça. Repugna-nos a nós o comércio religioso. Mas donde virá o dinheiro para manter o culto? A limpeza e a conservação, a luz e o arranjo da Igreja, o sustento dos pastores e mil e uma coisas mais são despesas certas, que se têm de pagar. E de modo algum, por isso somos uma Igreja Reformada, poderemos manter o nosso povo na santa ingenuidade de promessas a santas e santinhos.

Já alguém nos disse, que se poderia acabar o protestantismo em Portugal só com medidas alfandegárias. Creio que nós não poderemos admitir tal acusação que nos quer amesquinhar, no sentido interesseiro. Nós nos bastaremos a nós próprios. Deve este ser o grito de guerra que nos deve animar no presente.

Não se tem posto este assunto suficientemente claro diante dos nossos membros. E tem sido um erro.

Calendário Eclesiástico

JANEIRO

1 — Circuncisão do Senhor. L. O. pág. 114 — Cor lit.: Branco.
3 — Aniversário da Igreja de S. Mateus — Vila Franca de Xira.
4 — 2.º dom. depois do Natal. L. O. pág. 116 (R) — Cor lit.: Branco.
6 — Epifania (Manifestação de Cristo às Gentes). L. O. pág. 116 — Cor lit.: Branco. Aniversário da Igreja do Bom Pastor - Candal, Gaia.
9 — Dedicação da Igreja de S. Pedro - Lisboa.
11 — 1.º dom. depois da Epifania. L. O. pág. 119 — Cor lit.: Branco.
18 — 2.º dom. depois da Epifania. L. O. pág. 120 — Cor lit.: Verde.
25 — Conversão de S. Paulo (Dom. da Septuagésima). L. O. pág. 241 — Cor lit.: Branco. Aniversário da Igreja de S. Paulo - Lisboa.

FEVEREIRO

1 — Dom. da Sexagésima. L. O. pág. 131 Cor. lit.: Roxo.
2 — Apresentação de Cristo no Templo (Purificação da Bem-aventurada Virgem Maria). L. O. pág. 243 — Cor lit.: Branco.
8 — Domingo da Quinquagésima. L. O. pág. 134 — Cor lit.: Roxo.
11 — Quarta-feira de Cinzas (1.º dia da Quaresma). L. O. pág. 136 — Cor lit.: Roxo.
15 — 1.º domingo da Quaresma. L. O. página 138 — Cor. lit.: Roxo.
18, 20 e 21 — Têmporas da Primavera. L. O. pág. 64.
22 — 2.º domingo da Quaresma. L. O. pág. 140 — Cor lit.: Roxo.
24 — S. Matias Apóstolo. L. O. pág. 246 — Cor lit.: Encarnado.

Sermões de cinco minutos pelo
Rev. Agostinho Ferreira Arbiol

Não havia lugar na estalagem

S. Lucas 2:7

A Paz de Deus seja convosco.

Quando saiu o decreto de César Augusto para que todo o mundo se alistasse, estava a Virgem Maria em avançado estado de gravidez. Segundo a determinação daquele imperador, todas as pessoas deviam dar os nomes, para efeito do recenseamento oficial, nas terras da sua naturalidade. José da Galileia e sua Esposa tiveram de ir a Belém, sua terra natal. Dura e difícil deve ter sido a viagem para a Virgem Maria apesar do cuidado e carinho de José para a tornar mais suave e confortável. Bem merecia o santo casal, ao chegar a Belém, encontrar uma casa onde pudesse descansar da fadiga da viagem. A única estalagem, onde tinham esperança de serem recolhidos, estava cheia de hóspedes que tinham ido a Belém para o mesmo fim. José da Galileia, preocupado com o estado físico de sua mulher, em vão se esforça por convencer o porteiro a dar-lhe um lugar, ainda que não fosse dos melhores, para ela, porque ele, em qualquer parte se acomodaria. O porteiro, num impulso de humanidade, deseja ser-lhe agradável mas não pode, por ter recusado lugar a muitas pessoas que tinham chegado antes. José da Galileia, num último recurso, invoca o nome de DAVID de cuja linha genealógica ainda fazia parte, e de quem RUTH era avó, a qual tinha vivido naquela mesma casa onde estava instalada a estalagem. Era tão grande a veneração dos israelitas por David que uma grande mudança se verifica no rosto do porteiro. Cofiando a sua longa barba, diz, após alguns momentos de reflexão: Não há lugar na estalagem, mas um descendente de David não pode ficar na rua. Se quiserdes tereis o estábulo à vossa disposição. Lamento não ter lugar mais confortável e digno de seres humanos, especialmente de tão honrosa linhagem, mas ao menos estareis resguardados do frio e do orvalho da noite. Dentro de pouco tempo, Maria, na penumbra dum estábulo e sòzinha, entregue aos trabalhos do parto, dá à luz o seu filho bendito, Nosso Senhor Jesus Cristo. Na cena da Natividade não se verificou o sentimento da «Boa Vontade» proclamada no cântico dos anjos. Se os hóspedes da estalagem de Belém tivessem tido boa vontade, achariam maneira de José e Maria terem lugar. Há tantas famílias, cujos membros na festa de Natal, a maior de todas, se chegam mais uns para os outros, à hora da refeição, para caber mais alguém à mesa!!! Se se tirar à festa do Natal este espírito de solidariedade e amor, ela será apenas uma festa como muitas, com tendência para a perda ou diminuição de entusiasmo e alegria. O nascimento dos mais poderosos reis passa, mais tarde ou mais cedo, ao esquecimento. O mesmo não acontece com o nascimento de JESUS, o Rei a quem, desde os Magos do Oriente que, segundo a tradição, são reis também, todos lhe prestam homenagem. Todos os anos, e em todas as nações, de formas diferentes mas sempre alegres, o nascimento de Jesus é comemorado com júbilo crescente e verdadeiras manifestações de fraternidade. O Natal é uma festa de amor. Por mais duro que seja o coração humano, não pode deixar, nesta quadra, de ter um gesto de bondade, nem de perdoar, esquecer ou lembrar-se menos de qualquer ofensa. Até na guerra, os exércitos inimigos, cessam o combate, para, em curtas horas de tréguas, evocarem o amor de Deus. Jesus não teve lugar na estalagem de Belém, mas, espiritualmente, tem lugar nos corações de todos os que O amam e observam os Seus ensinamentos. E' pena que os corações de muitas pessoas, qual estalagem de Belém, se fechem ao Seu amor e, obstinadamente, recusem o dom glorioso da Salvação. Nesta festa de Natal, em que comemoramos o nascimento do Senhor Jesus, Ele próprio bate à porta do nosso coração, como outrora José da Galileia bateu à porta da estalagem, para lhe darmos guarida na pessoa de qualquer ser humano nosso semelhante. «Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo». Apocalipse 3: 20. Aqueles em cujo coração Jesus habita são felizes porque contribuirão, por meio de actos de amor, para a felicidade dos outros. O bem que se faz aos outros faz bem a quem o faz. O verdadeiro crente não pode de modo algum gozar com o infortúnio alheio. Antes pelo contrário se esforçará em todas as ocasiões e, particularmente, no Natal, por o diminuir ou atenuar com a sua simpatia e auxílio material. Quem assim procede, dá a Jesus o melhor lugar do seu coração, gozando a deliciosa alegria da sua presença e, como S. Paulo, pode exclamar num brado de triunfante fé: Não sou eu já que vivo, mas Cristo vive em mim. Gálatas 2-20.

AMEN!

Mensagem Episcopal

(Continuação da 1.ª página)

Jesus, divina e completa, por aquela que o mundo dá, imperfeita e fingida, por isso, injusta e falsa.

Daí as tragédias que nos ameaçam e sobressaltam entre os povos do mundo; as lamentáveis e destruidoras divisões e rivalidades entre os da mesma nação; as inquietantes divergências entre famílias; e, até, como é triste confessá-lo, as perturbadoras desarmonias e separações entre cristãos.

Entretanto os talentos que Jesus nos deixou para administrar e multiplicar são de amor, misericórdia, perdão e paz e para paz, não como o mundo os dá, moeda desvalorizada ou falsa.

Neste tempo do ano em que, como cristãos, celebramos o Natal de Jesus, o Príncipe da Paz, elevemos ansiosamente os nossos corações suplicantes perante o Trono de Deus para que a celebração do «Verbo que se fez carne e habitou entre nós» e que pela graça do Espírito Santo vive no meio de nós, seja feita no santo propósito de amar a Paz, seguir a Paz e viver em Paz, como boa vontade entre os homens, na Igreja e fora da Igreja.

Como diz o Salmista, em XXXIV, 14: «Procura a paz e segue-a», não esquecendo que o mesmo Salmista nos lembra, em XXXIII, 13: «O Senhor olha desde os céus e está vendo a todos os filhos dos homens».

NATAL DE 1958

António Fiandor

BISPO